

CINEFILIA EM JUAZEIRO: Cineclubismo e Cultura Cinematográfica em Juazeiro do Norte/CE (2012-2024)¹

Gilles Viana Alves Diniz²
Universidade Federal do Ceará – UFC

RESUMO

O presente trabalho problematiza a formação de cineclubes em Juazeiro do Norte enquanto manifestação da democratização do cinema na cidade. Espaços democráticos, educativos, políticos e formativos, os cineclubes formam redes de sociabilização e ambientação plurais e de interpretação crítica da realidade, a partir dos debates provindos das filmografias apresentadas. A partir de conceitos como cultura e expectativa cinematográfica e cinefilia, interessa-nos compreender quais são os principais elementos que se manifestam dentro da cultura cinéfila local, fomentada por estes grupos e pelo olhar crítico que inspiram em seu público.

PALAVRAS-CHAVE

Sociabilização; cineclubismo; cultura cinematográfica; Juazeiro do Norte.

CORPO DO TEXTO

Introdução

Este trabalho surgiu das experiências pessoais em cineclubes de Juazeiro do Norte, especialmente no *Grupo de Estudos Sétima de Cinema* (2021-), coordenado pelo mediador Elvis Pinheiro (1978-). Essa vivência foi essencial na relação que estabeleci com o cinema, promovendo uma postura mais crítica e ativa com a cultura cinematográfica, além de conexões a outras fontes de debate, como revistas, blogs e projetos acadêmicos. Durante a graduação em Jornalismo na UFCA, fui bolsista do projeto *Cartografias Audiovisuais do Cariri Cearense*, onde pesquisei a produção

¹Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Cinema e Audiovisual e Interdisciplinaridade, evento integrante da programação do 25º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado de 26 a 28 de junho de 2025.

² Aluno bolsista CAPES do Mestrado em Comunicação do Programa de Pós-graduação em Comunicação – PPGCOM da UFC, e-mail: gillesdiniz@alu.ufc.br.

cinematográfica regional e aprofundi meu envolvimento com cineclubes locais, como o *Cine Eldorado* e a revista *Corte Seco*.

Este estudo analisa a formação de uma cultura cinéfila em Juazeiro do Norte, a partir de um cineclubes específico, o *Cineclube Vésper*, projeto contemplado pela Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar 195/2022), que ocorre às quartas-feiras no auditório do Centro Cultural Banco do Nordeste - CCBNB Cariri. Para este estudo, me utilizo do conceito de “cultura cinematográfica” de Pereira (2017), que abrange a formação de repertório e habilidades ligadas à linguagem e história do cinema:

[..] A noção de cultura cinematográfica diz respeito à formação de gostos e habilidades específicas acerca da linguagem, da história, da técnica do cinema, construída a partir da visão de filmografias [...] Nesse modelo, possuir cultura cinematográfica passa por adquirir, para o fã e especialmente para o cinéfilo cineclubista, os fundamentos da linguagem cinematográfica, possuir repertório, tanto de filmes como de livros. (PEREIRA, 2017, p.16)

Os cineclubes têm um papel histórico na difusão do cinema como manifestação coletiva. Eles democratizam o acesso ao cinema, incentivando a crítica e o debate em espaços sem fins lucrativos.

Justificativa

As salas de cinema na região do Cariri, em especial nas suas três cidades mais populosas (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha), tiveram grande importância na cultura cinéfila local, em especial durante o período em que estes cinemas estiveram ativos, em meados dos anos 1960 e 1970 (CORTE SECO, nº 2, 2020, p.28). Conforme o estudo de Cintia Mapurunga, *O culto ao Cinema de Arte na geração de sessenta em Fortaleza* (2009), a década de 1960 representou um momento de forte expressão da cinefilia na capital, enquanto Butruce (2003, p.119) nos mostra que até meados da década de 1970, devido a um importante suporte da Cinemateca Brasileira, muitos cineclubes espalhados pelo país foram abastecidos com filmes. Nessa época, havia várias salas de cinema funcionando simultaneamente: *Cine Moderno*, *Cine Rádio Araripe*, *Cine Educadora*, *Cine São José* e o *Cine Casino Sul-Americano*, em Crato; o

Cine Eldorado e o *Cine Plaza* em Juazeiro; e o *Cinema Neroli* em Barbalha (Diário do Nordeste, 2017).

Mudanças sociais, urbanas e tecnológicas, no entanto, corroboraram para um arrefecimento do mercado audiovisual principalmente com a chegada da televisão, e muitas dessas salas de cinema fecharam as suas portas para se transformarem em lojas, bares ou estacionamentos, restringindo as exposições a shoppings. Em Juazeiro do Norte não foi diferente, e o último dos cinemas de rua, o *Cine Eldorado*, permaneceu ativo até 1997, exibindo filmes eróticos, quando falece o seu operador Antonio Severino e o local vira estacionamento (Diário do Nordeste, 2017).

Para além do espaço físico, este estudo é composto também por uma perspectiva comunicacional e histórica, imprescindíveis para compreender transformações na dinâmica social dos espectadores. Marc Ferro chamou de “leitura cinematográfica da história” (1992), a possibilidade de fazer leituras para atingir zonas não visíveis do passado das sociedades, “revelando, por exemplo, as autocensuras e os lapsos de uma sociedade” (FERRO, 1976).

Nesta pesquisa, ensejo compreender como se manifesta e quais os objetivos dessa cultura cinéfila na cidade de Juazeiro do Norte e como o surgimento e manutenção de cineclubes como o *Vésper* corroboram para um pensamento crítico em seu público por meio do cinema. Como podemos notar a partir de Pereira (2014, p.13), os cineclubes se estruturaram como uma rede de sociabilidade ligada ao espaço urbano, movimento que passou por diversos momentos de efervescência e arrefecimento, seja por perseguição política, seja por falta de incentivos públicos.

No Cariri, alguns desses coletivos concentraram principalmente suas atividades na formação de público e promoção de cinema por meio de festivais, mostras e encontros, representando assim agentes culturais coletivos da sétima arte na região, com destaque para o *Grupo de estudos Sétima de cinema*, ainda em atividade. O grupo *Sétima* surgiu como grupo de estudos em 2012, publicou 42 números de uma revista homônima de crítica e segue até hoje promovendo mostras e festivais; é dele que parte a iniciativa de criar o *Cineclube Vésper*. Também vale citar a revista de audiovisual *Corte Seco*, da UFCA e o *Cine Eldorado*, que funciona desde 2014 como cinema gratuito no bar e restaurante Cantina do Zé Ferreira, no centro de Juazeiro.

A história desses coletivos representa sobretudo a de Juazeiro do Norte. De acordo com Ismail Xavier (1994), “a importância da prática cineclubista decorre não apenas de sua formação, mas do conjunto de sua prática intelectual e cultural”. Assim, na prática cineclubista, o público revê conceitos estabelecidos, problematiza a própria realidade, alarga conhecimentos. Algumas teorias do cinema recentes, inclusive, investigam a experiência sensível promovida pelos filmes, que reagem nos corpos e que “pressupõem um espaço cinematográfico que seja físico e discursivo, um espaço onde o filme e o espectador, o cinema e o corpo se encontrem” (EELSAESSER; HAGENER, 2020, p. 13).

Portanto, a iniciativa do *Cineclube Vésper* traz para Juazeiro não apenas a criação de plateia e a mera exibição de filmes. No escopo deste e de outros cineclubes surge a está a necessidade de trazer em suas sessões um momento de especiação que instigue o desenvolvimento de um público crítico e autônomo. Neste sentido, esta pesquisa leva em consideração o contexto urbano e cultural em que se insere, uma vez que o contexto implica interferências na dinâmica urbana.

Fundamentação teórica

Cinefilia, termo esmiuçado no livro *Cinefilia* (BAECQUE, 2010) representa, segundo o autor, coisa “misteriosa, ritual e secreta” (BAECQUE, p. 19) cujos principais elementos constitutivos investiga cronológica e artisticamente. A ideia acerca da pesquisa sobre cinefilia, para Baecque (2010, p.37), encontra fundamento no cruzamento de informações que relacionem a história do cinema à grande variedade de vivências individuais e coletivas dos espectadores com a experiência cinematográfica.

Interessa-nos investigar como se inserem os cineclubes de Juazeiro do Norte, em suas diversas modalidades, no recente contexto cultural urbano, em que pesem inúmeras variáveis como a existência de um cinema com aporte tecnológico na cidade (localizado no Cariri Garden Shopping) e o aumento do consumo dos serviços de streaming nos últimos anos. De acordo com matéria publicada pelo Portal Uol (2021), o Brasil é o segundo maior consumidor de filmes e séries via plataformas de streaming, com 65% dos adultos tendo ao menos uma assinatura desses serviços, bem acima da média global de 56% (GAZE, 2021).

Apoiamo-nos nas lições do teórico do cinema, Jean-Claude Bernardet, quando, em *O que é cinema?* (Editora Brasiliense, 2014), coloca a experiência cinematográfica enquanto fenômeno não apenas de consumo, mas “ritual” (BERNARDET, 2014). Essa prática ritual, que também é de consumo, encontra embasamento nos estudos de Talitha Ferraz (2008), em que a autora traz o cinema como “espaço de circulação e encontro de pessoas”. Também adotamos a concepção de Janice Caiafa acerca do espaço do cinema como “aparelho coletivo de lazer” (2008) e “um grande dispositivo urbano de austeridade” (2012), pois somos convidados “a ir à rua assistir filmes ao lado de desconhecidos”.

Os espaços urbanos, dentro desta concepção, não são pensados apenas como cenários das relações e encontros entre os sujeitos, eles carregam em si a possibilidade de serem fonte, arquivo e registro, como um espaço real e vivido (ROLNIK, 2016). Nos servem de apoio os recentes trabalhos de Priscila Constantino Sales sobre as práticas do *Clube de Cinema de Assis*, SP; de Juliana Teixeira Barros, sobre o *Cineclube Mário Gusmão* de Cachoeira/BA e de Raul Kennedy Gondim Pereira sobre o *Clube de Cinema* de Fortaleza, no Ceará. Como os trabalhos supramencionados, buscamos quais processos históricos de construção de memória e pensamento crítico estão nos cineclubes. Para tanto, campos do conhecimento afins como Comunicação e História oral e urbana são essenciais a esta pesquisa. Nessa relação está imbricada também a ideia de subjetividade incorporada pelo território, enquanto “espaço de sociabilidade” propício à experiência de espectação cinematográfica (FERRAZ, 2008).

Nesses espaços, o coletivo deixa de ser mera organização e passa a figurar como uma reunião motivada por cultura, expansão e compartilhamento de conhecimento, pensamento crítico e revisão de conceitos preestabelecidos (DUVIGNAUD, 1986). Como podemos ver em Barros (2022), ao citar os estudos culturais de Stuart Hall em seu trabalho sobre o *Cineclube Mário Gusmão*, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano - UFRB,

É daqui que iniciamos nossa reflexão sobre o cinema: relacionando alternativas que configuram novos processos de construção do imaginário. Quais metáforas estamos plantando no terreno da cultura, atualmente? De que forma elas contribuem para a transformação das estruturas que estão colocadas? (BARROS, 2022, p.6)

Como afirma Gaze (2021), há “dificuldade até mesmo de inserção de filmes nacionais no circuito comercial de exibição, principalmente para produções independentes que não estão atreladas a grandes estúdios”. Esse cenário revela a urgência por políticas de democratização audiovisual, destacando a importância de iniciativas de cineclubes na formação de um público crítico por meio da experiência cinematográfica, sendo estas oportunidades aquelas que, historicamente, despertaram para uma apreciação audiovisual reflexiva.

Metodologia

A metodologia utilizada nesta pesquisa encontra apoio na união de áreas que se relacionam de maneira muito próxima, a Comunicação e a História Oral e urbana, uma vez que esta pesquisa recorre à memória pessoal dos idealizadores e dos frequentadores dos cineclubes estudados. Apoiados pelo destaque das fontes documentais e orais defendido por Baecque (2010, p.37), adicionamos à pesquisa publicações impressas e digitais acerca da história e das experiências cinematográficas da cidade, como as revistas *Sétima* e *Corte Seco*, além de jornais, portais de notícia, blogs e postagens em redes sociais que remontem à época e contexto social de seu surgimento.

Portanto, para realizar esta pesquisa, nos serviremos de análise bibliográfica em livros, revistas, jornais, documentos, fotografias, filmes, vídeos e demais arquivos documentais em acervos públicos e particulares. Em se tratando de uma pesquisa sobre memórias e práticas socioculturais, também recorreremos a entrevistas com membros idealizadores dos cineclubes, bem como frequentadores de suas sessões, assim como depoimentos gravados de suas experiências nos referidos cineclubes.

REFERÊNCIAS

ANCINE. **Mercado audiovisual brasileiro**. ANCINE, 2024. Disponível em: <<https://oca.ancine.gov.br/mercado-audiovisual-brasileiro>>. Acesso em: 13 de maio de 2025.

BAECQUE, A. de. **Cinefilia: a invenção do olhar, história de uma cultura**. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

BARROS, Juliana Teixeira. **Cineclubismo como prática e metáfora de transformação: os cinemas negros no cineclube Mário Gusmão**. Dissertação de mestrado. Cachoeira/BA, 2022.

BERNARDET, Jean-Claude. **O que é cinema?** Coleção Primeiros passos, São Paulo: Editora Brasiliense, 2014.

BORDWELL, David; THOMPSON, Kristin. **A arte do cinema: uma introdução**. Campinas: Editora Unicamp, 2013.

BUTRUCÉ, Debora. **Cineclubismo no Brasil: o esboço de uma história**. Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 2003.

CARVALHO, Alexandre Sonego de. **Cineclube como narrativa de resistência, prática de reflexão e crítica cinematográfica na/para a contemporaneidade**. São Paulo: Trama Interdisciplinar, 2021.

CORTE SECO – Revista de audiovisual, nº 1, UFCA, 2019.

_____, nº 2, UFCA, 2022.

DIÁRIO DO NORDESTE, 2017. Disponível em: < <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/regiao/cariri-ainda-exibe-vestigios-dos-seus-cinemas-de-rua-1.1849199>>. Acesso em: 13 de maio de 2025.

ELSAESSER, Thomas; HAGENER, Malte. **Teoria do cinema: Uma introdução através dos sentidos**. Papirus editora, 2020.

FERRAZ, Talitha Gomes. **Experiências de espetação cinematográfica e ocupação urbana: a prática de sociabilidade no caso dos cinemas da Tijuca**. In: XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Natal: UFRN, 2008.

FERRO, Marc. **Cinema e história**. Tradução Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

GAZE, Felipe Nascimento. **Práticas do consumo audiovisual: os cineclubes na formação crítica do público**. In: 7º Seminário de Comunicação e Territorialidades, Vitória: UFES, 2021.

GOMES, Paulo Emílio Sales. **Cinema: trajetória no subdesenvolvimento**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUSMÃO, Milene Silveira. **O desenvolvimento do cinema: algumas considerações sobre o papel dos cineclubes para formação cultural**. In: Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 4, 2008, Salvador, Anais... Salvador: UFBA, 2008.

PRADO, L. A. **Como tudo começou**. MultiRio, Rio de Janeiro, 20 maio 2013. Disponível em: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/485-como-tudo-comecou>. Acesso em: 13 de maio de 2025.

PEREIRA, Raul Kennedy Gondim. **Clube de Cinema de Fortaleza: sociabilidade intelectual e cultura cinematográfica na cidade de Fortaleza (1948-1963)**. Dissertação de mestrado. Fortaleza, 2017.

SALES, P. C. **O movimento cineclubista brasileiro e suas modulações na recepção cinematográfica**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 28., 2015, Florianópolis. Anais [...]. Florianópolis: Anpuh, 2015. p. 1-17.

MENOTTI, G. **Através da sala escura: dinâmicas espaciais de consumo audiovisual, a sala de cinema e o lugar do VJing**. 2007. Dissertação (Mestrado) – USP.

MIGLIORIN, Cezar. **O que é um coletivo?** In Teia: de anos, revista IMS, Rio de Janeiro, 2012.

XAVIER, Ismail. **A experiência do cinema – antologia**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.